

O RITO DO PEYOTL ENTRE OS TARAHUMARAS¹

Como eu já disse, quem me abriu caminho ao Ciguri foram os sacerdotes do Tutuguri, e dias antes abriu-me caminho ao Tutuguri o *Senhor de Todas as Coisas*. Quem preside às relações exteriores entre os homens é o *Senhor de Todas as Coisas*: amizade, compaixão, esmola, fidelidade, piedade, generosidade, trabalho. O seu poder acaba à porta do que entendemos por metafísica ou teologia aqui na Europa, mas no domínio da consciência interna chega mais longe do que um chefe, seja qual for, da política europeia. Ninguém pode ser iniciado no México, quer dizer, ninguém pode receber a unção dos sacerdotes do Sol e a marca imersiva e reagregadora dos que pertencem ao Ciguri, que é rito de aniquilamento, se antes não for tocado pelo gládio do velho chefe índio que preside à paz e à guerra, à Justiça, ao Casamento e ao Amor. Segundo parece ele tem na mão as forças que mandam os homens amar-se ou os deixam endoidados, ao passo que os sacerdotes do Tutuguri com a boca mandam levantar o Espírito que os cria e coloca no Infinito onde a Alma tem de os acolher e reclassificar no eu. A acção dos sacerdotes do Sol envolve por completo a alma e pára nas fronteiras do eu pessoal onde o *Senhor de Todas as Coisas* vem colher a sua resso-

nância. Aí mesmo é que o velho chefe mexicano me atingiu para ficar novamente aberta a minha consciência, malnascido que eu estava para compreender o Sol; e depois de passarmos pelo TUDO, ou seja o múltiplo que as coisas são, a ordem hierárquica das coisas é que nos quer restituídos à simplicidade do um que é o Tutuguri ou o Sol, para então nos dissolvermos e ressuscitarmos através desse acto de misteriosa reassimilação. Digo reassimilação tenebrosa compreendida no Ciguri, como um Mito de reparação, e depois extermínio e desfecho enfim no crivo da expropriação suprema, como os seus sacerdotes não param de gritar e afirmar na Dança de uma Noite inteira. Porque se estende à noite inteira, do pôr-do-sol ao amanhecer, mas apodera-se completamente da noite e recolhe-a como ao sumo de um fruto até à nascente da vida. E a extracção de propriedades chega a deus e ultrapassa-o; porque deus e sobretudo deus² não pode tomar aquilo que no eu é o eu próprio autêntico e tão forte que tenha a imbecilidade de se entregar.

Num domingo de manhã é que o velho chefe índio me abriu a consciência com um golpe de gládio entre o baço e o coração: «Tem confiança, disse ele, não tenhas medo que não vou fazer-te nenhum mal» e recuou muito depressa três ou quatro passos e descreveu no ar um círculo com o gládio agarrado pelo punho e para trás, como se quisesse exterminar-me. Se a ponta do gládio me tocou a pele foi de raspão e só me fez deitar uma minúscula gota de sangue. Não senti nenhuma dor mas tive realmente a sensação de acordar a uma coisa para a qual eu estava até ali malnascido e orientado de errada forma, cheio de uma luz que eu nunca tinha possuído. Dias mais tarde ao amanhecer é que encontrei os sacerdotes do Tutuguri e pude finalmente chegar, dois dias depois, ao Ciguri.

«Ligar-te à entidade sem Deus que te assimila e cria como se fosses tu próprio a criar-te, e como tu próprio a cada instante no Nada e contra Ele te crias.»

Palavras exactas do chefe índio que apenas me limito a repetir, não pela forma que usou ao dizê-las, mas como as *reconstrui* sob o efeito das fantásticas iluminações de Ciguri.

Ora os Sacerdotes do Sol se procedem como manifestações da Palavra de Deus ou do seu Verbo, ou seja Jesus Cristo, os Sacerdotes de Peyotl fizeram-me assistir ao próprio Mito do Mistério, mergulhar nos arcanos originais, penetrar através deles no Mistério dos Mistérios, ver a forma das operações extremas pelas quais O HOMEM-PAI, NEM HOMEM NEM MULHER, tudo criou. Não foi às primeiras que cheguei a isto, pois decerto, e necessitei de algum tempo para chegar a compreendê-lo, foram-me precisos gestos de dança, atitudes ou figuras que os sacerdotes do Ciguri traçam no ar como se quisessem impô-los à sombra ou os puxassem dos antros da noite, eles próprios já os não compreendem e mais não fazem do que obedecer, quando os executam, a uma espécie de tradição física, por um lado, e por outro aos secretos mandamentos que lhes são ditados por uma dose de Peyotl absorvida antes de dançarem e chegarem assim, e através de calculados métodos, aos transe. Digo que fazem o que a planta lhes ordena, embora repetido como uma espécie de lição a que os seus músculos obedecem mas sem compreendê-la já na distensão dos seus nervos, tal como aos seus pais tinha sucedido, e aos pais dos seus pais. Porque o papel de cada nervo é assim como assim encarecido. Isto não me satisfez e quando terminou a Dança eu quis saber mais. Porque antes de assistir ao Rito do Ciguri como o executam os actuais sacerdotes índios, eu interrogara uma boa quantidade de tarahumaras dos montes e passara uma noite inteira com um casal bastante jovem cujo marido se tinha feito adepto deste rito e era sabedor, ao que parece, de muitos dos seus segredos. E dele recebi explicações maravilhosas e esclarecimentos de uma precisão extrema sobre a forma como o Peyotl, percorrendo todo o trajecto do eu nervoso, ressuscita a memória

dessas verdades soberanas e não fazem, foi-me dito, perder mais nada à consciência humana, e ao contrário permitem que ela recupere a percepção do Infinito. «O que estas verdades são — disse o homem — não me compete a mim mostrar. Mas já é comigo fazê-las renascer no espírito do teu ser humano. O espírito do homem está farto de Deus porque é mau e doente, e a nós compete devolver-lhe a fome dele. Mas repara que o próprio Tempo nos recusa um meio de o fazermos. Amanhã ser-te-á mostrado aquilo que ainda podemos fazer. E se quiseres trabalhar connosco, ajudados pela Boa-Vontade de um homem que veio de além-mar e não é da nossa Raça, talvez possamos quebrar mais outra resistência.» CIGURI é uma palavra que ouvidos índios não gostam nada de escutar. Eu tinha comigo um guia mestiço que também me servia de intérprete junto dos Tarahumaras e me aconselhara a falar-lhes dele com respeito e muita precaução porque o *temem*, dizia ele. No entanto, se sentimento há que a tal respeito lhes possa parecer estranho, reparei eu que era o medo, e pelo contrário, sob uma forma que a consciência europeia já não conhece e faz toda a sua infelicidade, pois o homem aqui já não respeita nada, a palavra desperta neles o sentido do sagrado. E a série de atitudes que o rapaz índio tomou à minha frente quando eu dizia CIGURI, bastantes coisas me ensinou sobre as possibilidades da consciência humana quando conserva o sentimento de Deus. Realmente a sua atitude evidenciava um terror, devo dizê-lo, mas não terror dele porque o tapava como um escudo ou uma capa. Parecia-me tão feliz, ele, como só podemos sê-lo nos minutos supremos da vida, com a face adorante a transbordar de alegria. Os Primogénitos de uma humanidade ainda em génese deviam comportar-se assim quando o espírito d'O HOMEM INCRIADO se erguia em trovada e chamas acima do mundo com o ventre aberto, assim deviam orar os esqueletos das catacumbas a quem O HOMEM em pessoa, diz-se nos livros, aparecia.

Juntou as mãos e os seus olhos iluminaram-se. Petrificou-se e fechou-se de rosto. Mas quanto mais entrava dentro de si próprio mais me parecia que uma emoção insólita e legível irradiava objectivamente dele. Moveu-se duas ou três vezes. E a cada vez os seus olhos, que tinham ficado quase fixos, mexeram-se para isolar ao seu lado um ponto, como a tomar consciência de qualquer coisa que fosse de temer. Mas que uma qualquer negligência lhe fizesse faltar ao respeito que devia a Deus era o que assim, pude reparar, temia. E mais duas coisas verifiquei além disso: a primeira que o Índio Tarahumara não atribui ao corpo o valor que nós Europeus lhe damos e tem dele noção toda diferente. «Eu cá não sou não senhor este corpo», parecia dizer, e quando se voltava para fixar ao lado qualquer coisa, o que ele parecia perscrutar e vigiar era o seu próprio corpo. «O sítio onde estou e aquilo que sou, quem me lo diz e dita é Ciguri, mas tu, mentes e desobedeces. O que realmente sinto não queres tu nenhuma vez sentir e dás-me sensações contrárias. Nada do que eu quero queres. E a maior parte das vezes é o Mal que me propões. Para mim não passaste de transitória provação e fardo. Um dia virá em que hei-de mandar-te embora quando estiver livre o próprio *Ciguri*, mas não debes ir-te totalmente embora», diz de repente num choro. «Apesar de tudo quem te fez foi Ciguri e em muitas ocasiões me serviste de refúgio contra a tempestade *porque Ciguri morria se me não tivesse a mim.*»

A segunda coisa que a meio desta prece verifiquei — porque esta série de movimentações perante si próprio e como ao lado de si próprio a que eu acabava de assistir, em menos tempo do que levam a contar, eram a prece que o Índio improvisa a qualquer evocação do nome de *Ciguri* —, a segunda coisa que me impressionou foi realmente o Índio, a ser inimigo do seu próprio corpo, parecer mais ainda que tinha feito a Deus o sacrifício da sua consciência e o hábito que tem de ser, nesse trabalho, orientado pelo Peyotl. Os sentimentos